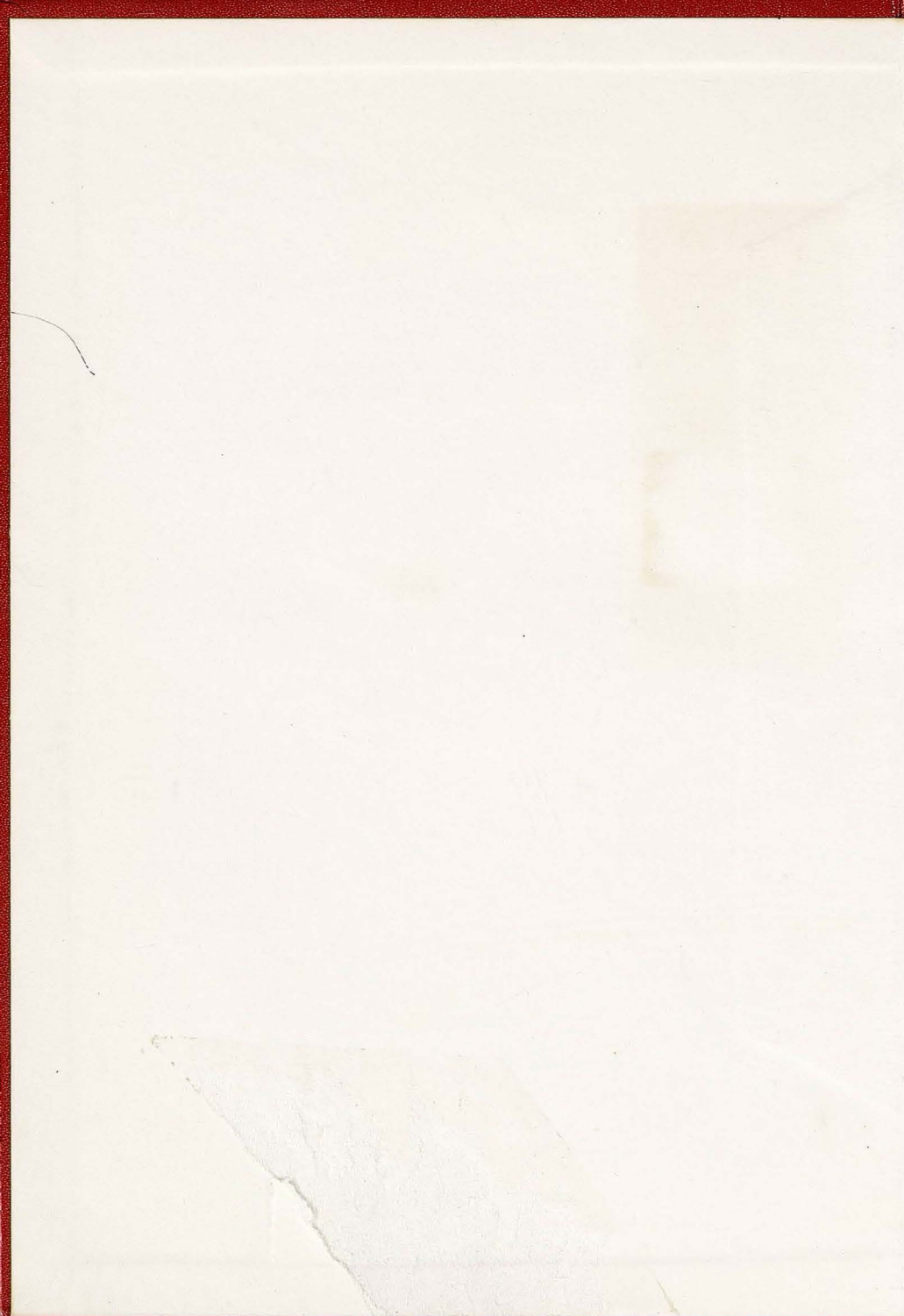


A FORTALEZA EM 1810  
CHRONICA









*D.º Brígido J.º*  
*Não-o-janeiro.*

A FORTALEZA EM 1810

CHRONICA

POR

J. Brígido

(JANEIRO DE 1881)



FORTALEZA

TYPOGRAPHIA ECONOMICA

RUA BÓA-VISTA, 85

1882



NS. 189099

EX. 1

CÂMARA DOS DEPUTADOS  
BIBLIOTECA  
DOAÇÃO

0742/98

28/01/98



## 'A FORTALEZA EM 1810.

### I

Planta da cidade. Primeiros edificios: Rua do Cajueiro. Pleito. Assougue. Aldeiota. Primeiras egrejas. Mudança dos indios. Marinhas.

Breve estarão perdidos, para a chronica da cidade da Fortaleza, dados importantes, que se encontram nos livros do antigo senado da camara, sobre o seu desenvolvimento e progresso. O modo, por que se forão projectando as suas ruas; a configuração, que a povoação teve primitivamente ou foi adquerindo; as modificações, que foi soffrendo; tudo são curiosidades, que interessão aos que costumão julgar da actualidade pelo que foi o passado, aos que desejão saber que causas indusirão a certos erros ora reconhecidos.

Além da má lettra, com que estão lançados os assentos do senado da Fortaleza, já agora bem difficeis de decifrar, e da tinta, que vae cedendo á acção do tempo, a pessima conservação dos papeis nos archivos da provincia, e o desprezo, em que geralmente se tem os livros de catadura feia, concorrem, para que dentro em poucos annos não reste cousa



alguma dessas antigualhas, e para que se ignorem as origens desta aprasível cidade, destinada a ser uma das mais populosas do norte do Brazil.

Ha questões mesmo, que ficarião sem uma solução. Tem-se pretendido, por exemplo, que a forma correcta da Fortaleza veio de um plano, que fez adoptar o finado Antonio Rodrigues Ferreira, um dos mais zelosos presidentes da camara municipal.

Da leitura das actas da velha corporação se vê que o grande serviço prestado por elle, como presidente da camara municipal algumas vezes, consistio no empenho, com que fez observar o plano da cidade, quando qualquer desvio o podia comprometter; mas que este plano foi obra do tenente-coronel de engenheiros Antonio José da Silva Paulet, ajudante de ordens do governador Sampaio, isto, ha quasi 70 annos.

Para salvar do esquecimento estes factos, faremos o transumpto do que se encontra nos livros alludidos, e outros documentos, e bêm assim do que a tradição conserva e pode ser ainda attestado por testemunhas oculares.

Os edificios mais antigos da Fortaleza são o — quartel e fortim de *Nossa Senhora da Assumpção*, no local em que os hollandezes projectarão fazer um de cinco pontas, de que nos falla Candido Mendes. Este fortim dominava a barra do rio, que elles chamavão *Marajaitiba*, e que se encontra na antiguidade com os nomes de *Ipojuca*, *Telha*, e ultimamente *Pajehú*.

Nelle residia o commandante do presidio, que em começo foi a unica autoridade nesta região. Havia ali uma capella, que foi reconstruida, como tudo mais, no fim do seculo passado, pelo padre José Rodriguez, residente na *Soledade* (Soure), que tudo offereceu ao rei, sem retribuição.

Havia, a um lado, uma laranjeira, objecto da



veneração publica, á qual punhão uma sentinella, e chamavão — de *S. Gonçalo*.

Pela fachada de léste as aguas do mar chegavão até onde agora se acha o sobrado n.º 29, que foi de Bernardino Pacheco, sendo ahi que se fazião os desembarques.

Em 1817 as marés ainda chegavão até esse local. Existia nelle uma casinha, com uma bonita caixa-seira, junto á ponte de madeira, que havia no lugar ora chamado *Chafariz*, em consequencia de ter alli existido um, começado em fevereiro de 1813 e concluido em setembro desse anno.

No sitio occupado até pouco tempo pela casa em ruínas, do Sr. Guilherme Miranda, em frente ao muro do palacio do governo, havia um cajueiro tambem celebre, que servia de assougue da villa. E' d'elle que procede o nome da rua, cuja extremidade occidental vae ter á praça do Ferreira, rua que foi em começo estrada para Arronches.

O almotacé da villa mandou derribar esta arvore, e oppondo embargos o capitão mór Moreira, allegando ser ella o morador mais antigo da povoação, seguiu-se uma demanda, que deu occasião a Relação mandar conservar o venerando cajueiro, que assim veio a morrer de velho.

Desse ponto passou-se a venda da carne para o local, occupado agora pela casa da finada mãe do Dr. Paulino Borges, n.º 20, na extremidade norte da rua da *Bôa Vista*.

Foi este assougue a origem da edificação, que se fez na ála em frente, desde antes de 1810.

A edificação, que se seguiu immediatamente depois da do quartel, residencia do commandante do presidio, foi a de *Aldeiota*, povoação de indios, no sitio conhecido por este nome, nas immediações do *Pajehú*. Mais tarde os adventícios, portuguezes e mestiços, começarão a edificar pequenas casas de

barro e telha, ou choupanas de carnahuba, á margem direita e esquerda do regato Ipojuca.

Na curva, que faz este ribeiro, os indios collocarão sua igreja, precisamente no terreno, onde agora está a cathedral.

Este velho templo, para onde foram transferidas as imagens existentes em uma capella da barra do Ceará, ou *Villa Velha*, foi demolido no começo deste seculo pelo vigario Moreira. Conrado, em 1825, lhe tirou parte das madeiras para fazer o pontilhão do lugar Chafariz; outros lhe tirarão o restante para a igreja do Rosario.

Quando os indios se passarão de *Villa Velha* para o seu novo domicilio de *Aldeiota*, conduzirão aos hombros o pelourinho, que era naquelle tempo uma decoração das villas, senão o signal de categoria do povoado. Collocarão-no a 50 passos em frente á igreja.

E' tambem muito antiga a ermida do Rosario, e ao lado d'esta a casa, que servia de Paços do concelho, e acha-se agora convertida em palacio da presidencia, por troca feita, em 13 de janeiro 1809, por outro predio, em que residião os governadores, voltando a fazenda a quantia de 1:368\$668 réis. Esta casa consistia no primeiro lanço, que fica do lado da ermida.

Desde o fim do seculo passado já existia, mais ou menos, em casas de taipa, a ala oriental da rua dos *Mercadores*, hoje Conde d'Eu, a qual se extendia desde o predio na extremidade norte n.º 45, em que reside o Sr. Dr. Paurilio até o sitio de D. Anna da Costa, hoje conhecido por sitio do *Gouveia*. Em seguimento estava o sitio *Marinhas*, na vizinhança da lagoa denominada actualmente — *Garrote*.

Esta denominação — *Marinhas* suggere aqui uma idéa: Este sitio foi outr'ora occupado pelo mar?

Foi incontestavelmente, e bem assim todo o valle



do *Pajehú*, e por elle até mui longe, as terras superiores. Os vestigios são os mais evidentes. Si na epocha, a que nos referimos já lhe não cabia a denominação, é força admittir que ella lhe vinha do tempo em que começou a ser frequentado.

Este sitio entrou na primeira sesmaria concedida no Ceará. Felippe Coelho, como descobridor das terras que ficavão nas immedições da Fortaleza, a obteve em 1663.

Com o levantamento do solo e consequente afastamento do oceano, que se observa no Ceará, *Marinhas*, ha 218 annos, deve ter sido effectivamente marinhas.

Não é lugar aqui para mais longos desenvolvimentos.

Constituia um suburbio da villa o engenho de Bernardo José Teixeira, no sitio justamente, onde se fez o açude da provincia. Era este um sitio de distracção e passeio da gente boa da terra.

Deste homem conserva a tradição uma triste memoria. Refere-se que tendo perdido uma demanda, que sustentára com a administração de S. José, por extremas de sua terra, recorrera para a ultima instancia, e achava-se em Lisboa, quando soube que tinha tido confirmação a sentença proferida em favor do santo patriarcha. Tomado de remorsos, se suicidou. Consagra ainda a superstição a memoria de outro castigo tremendo em consequencia da sacrilega demanda.

O official de justiça, que citou ao santo, conhecido por Pedro Mentira, morreo de lepra em razão deste enorme peccado !

O que porem se encontra nos documentos, é que Bernardo Teixeira era um homem civilisado, boticario, pessoa de estima da villa.

Figuradas as cousas mais antigas, vamos dar uma ideia total do que foi a villa da Fortaleza, no perio-

do do governo de Luiz Barba Alardo de Menezes, o qual começa em 21 de janeiro de 1803, e termina em 19 de março de 1812.

Para a parte superior, temos consultado os antigos livros do senado, e para o bairro da praia, abaixo das barrancas, a planta levantada de ordem deste governador. Acercã de uma e de outra temos recolhido as tradições mais criteriosas, e ouvido alguns contemporaneos, já mui raros.

## II

Barba Alardo. Fortins. Incremento da povoação. Commercio directo. Fabricas. Povoação.

O governador Barba Alardo não só, levantou a primeira carta da provincia, que se conhece, depois das plantas da barra do Ceará feitas pelos hollandezes, e conservadas por Barlaeus, no seu precioso livro sobre o governo Nassau, como mandou estudar o porto da villa da Fortaleza pelo capitão de fragata Francisco Antonio Marques Giraldes, que tirou a planta d'elle e a perspectiva da povoação, olhada do mar.

Este trabalho foi mais tarde repetido pelo governador Sampaio, e existe no archivo militar do Rio de Janeiro, para onde foi remettido.

Do importante documento de Giraldes, existente naquelle archivo, nos extrahio uma copia o distincto cearense capitão Antonio Americo. A elle devemos a exactidão, com que estamos habilitados a figurar a cidade de então, na sua parte maritima.

Trataremos desta primeiro—depois da parte superior, ou que demora na barranca fronteira ao mar.

Em *Mucuripe*, existia no pequeno promontorio, face occidental, extremidade norte, um fortim, que



servia de vigia. Seguião-se a este os fortes de *S. João do Principe, Carlota e Bernardes*, ou, como dizem outros, *S. Bernardo*.

Ao lado do forte *Carlota*, para o nascente, havia uma casa construida de pedra, que servia de quartel, e ao lado desta uma menor, que fazia de appendice, servindo para paiol de pólvora. Além destas, nenhuma edificação mais se encontrava no pequeno promontorio.

O quartel de *Mucuripe*, mandado edificar em 27 de maio de 1801 pela junta de fazenda, e concluido em 6 de Setembro de 1802, custou 545\$930 reis; o que não era mui pouco naquella epocha. Completavão o systema de fortificações da costa, que aliás erão bem frageis, (pois que parte dos reductos ou fortins era de madeira) outros pequenos reductos para o poente, os quaes indicaremos.

No extremo de Mucuripe e á beira d'agua, encontrava-se um frondoso joaseiro, de que ficou memoria por ter sido muito tempo o abrigo e o ponto de reunião dos pescadores. Todo promontorio estava arborizado, e na encósta do poente existia uma fonte d'agua potavel, que as areias já soterrarão.

Na enseada, em que se acha actualmente a povoação chamada de *Mucuripe*, encontrava-se uma unica habitação, com uma porta no oitão, e duas pequenas janellas na frente.

A praia era despovoada dahi por diante na direcção da villa, apenas se encontrando, na barranca ao norte antes de confrontar com o recife, seis casas de palha em alinhamento, e trez outras dispersas na baixa. Dava-se a esta região o nome de *Prainha*. Ao norte destas residencias, ficava uma ponte de desembarque, ao lado desta um pequeno reducto, construido de madeira, cheios os vãos de areia, formando um verdadeiro entrincheiramento, com duas peças de pequeno calibre.

Para se ter, uma idéa exacta desta região, figure-se que não existião a esse tempo os morros, que hoje obstruem o sitio conhecido por *Papi*; que a barranca, sobre que está situada a ermida da *Prainha*, corria livremente para o sul; que finalmente erão verdadeiros salgados os terrenos, em que foi edificada a alfandega actual, e as ruas que lhe correm pelo fundo e pelo lado do mar.

Ainda na primeira administração do senador Alencar, o engenheiro francez J. E. Seraine fazia atterramentos nessa região.

Pois bem; precisamente onde está agora o predio do conselheiro Araripe, n.º 1 da rua do Chafariz, existia uma casa, que se chamava da *Prensa*; mais ou menos, onde se fez mais tarde a *Alfandega* velha, servida pelo trapiche indicado.

Este trapiche era em frente á casa, que edificou o inglez Ellery, n.º 15 da rua da Alfandega. Atrás della collocou-se um morro, onde foi mar navegado por samacas, que demandavão o trapiche, pela *Barreta* do sul.

Na barranca um pouco ao sul do alinhamento do actual seminario, havia duas casas, uma dellas de apparencia soffrivel.

Logo abaixo da casa da *Prensa*, havia outra para recolher alvarengas, e a estes dois predios reduzião-se os que servião para o trafego do porto.

Em conclusão, formavão a vista do mar, desde a ponta do *Mucuripe*, casas pequenas e choupanas na praia, e sobre as dunas em numero total de 37, sendo a ultima o pequeno paiol da polvora, na extremidade norte, local hoje occupado por um angulo do jardim do *Passeio publico*.

O fórtim da cidade estava na eminencia ao lado do quartel.

A elle é que succedeo a fortaleza actual, da qual ja cogitava Barba Alardo, recolhendo os donativos



do costume. O capitão-mór dos Inhamuns José Alves Feitoza subscreveo para ella, na sua administração, 700\$000 reis; acto de generosidade, que lhe valeo o habito de Christo.

Esta obra foi mandada começar no governo de Sampaio, em 12 de outubro de 1812, e concluiu-se em 17 de agosto de 1822, sempre com donativos, que só em dinheiro prefizerão a somma de 16:103\$267 réis.

No periodo de sua edificação, as aguas lambião a face, que fica para o mar.

Vivem ainda nesta cidade pessoas, que presenciaram os trabalhos.

Foi justamente no tempo de Luiz Barba Alardo, que o bairro maritimo da villa começou a ter algum incremento, pois que foi elle o creador do commercio directo da capitania, até então redusida a permutas com Pernambuco.

Já pelo alvará de 17 de janeiro de 1799, separando o governo do Ceará do de Pernambuco, se lhe tinha permittido fazer commercio directo com Portugal.

Em 1809, conseguiu este governador que negociantes da villa mandassem o primeiro navio a Londres, com productos da terra e amostras de algodão.

Foi a galera—*Dous-amigos*, á qual seguirão-se outros navios.

Elle deu todo impulso ao plantio do algodão, e mandou ao governo amostras de *tucum e croatá*, suppondo poder tornal-os artigos de exportação.

Em maio de 1811 estabeleceu-se na Fortaleza a primeira casa estrangeira de commercio directo, sendo seu fundador o irlandez *William Wara*, que veio para isto no bergantim inglez *Sophia e Berthse*.

O algodão exportado no seu tempo regulava de 16 a 17 mil arrobas por anno.

Barba Alardo fundou na Fortaleza uma fabrica de louça vidrada, e conseguiu productos tão bons, dizia elle ao conde de Linhares, em officio de 31 de

agosto de 1809, como os da Bahia. Hoje porem não se conhece o lugar, onde essa fabrica existio. Naturalmente succumbio á falta de consumidores; pois que a população da provincia, apenas de 150 mil almas, como elle calculava, estava grandemente dispersa pelos sertões, que não se communicavão com a Fortaleza, mas fazião seu commercio exclusivamente pelo porto do Aracaty.

A população da villa da Fortaleza, dizia o governador Barba Alardo, em uma memoria dirigida ao rei em 18 de agosto de 1814, não excedia de 3:000 habitantes.

Assegura porem o viajante inglez *Henri Koster*, que esteve na Fortaleza de 16 de dezembro de 1810 a 8 de janeiro de 1811, que, tanto quanto elle podia julgar, ella não excedia de 1:200 habitantes.

Este viajante dá o embarque e desembarque neste porto sendo feito, como ainda hoje, isto é, na cabeça de trabalhadores, que entrão pelas ondas!

No anno de 1810 sahirão do porto da Fortaleza:

Com destino a Pernambuco—sumacas *Triumpho do mar*, *Galeão*, *Athlante*, *S. Romão* e *Triumpho*.

Com destino á Inglaterra—Brigue *Gavião*, escuna *Ligeira*, dita *Flor de Maio*, galera *Alardo de Menezes*.

Esta ultima foi tomada no Canal por dois corsarios francezes de Dieppe.

Todos elles carregarão 3:385 saccas de algodão com 11:271 arrobas.

### III

Disposições do solo. Valle do Pajehú. Garrote e Lagoinha. Planaltos. Extincto lagamar. Martim Soares.

Antes de darmos uma idéa do que foi, em 1810, a villa da Fortaleza, na sua parte superior, no tocante a seus arruamentos, não será fóra de proposito fal-



lar da disposição dos terrenos, ou da conformação do solo, que ella começava a occupar, e veio a abranger annos depois, adquerindo uma frente de quasi 2 kilometros, com fundo igual, não incluindo as irradiações ou transbordamentos na direcção de Mucuripe, Cocó, Mecejana, Palha, Serrinha, Arronches e Soure, cujas estradas estão ladeadas de habitações, às vezes em alinhamento, e continuidade.

O vento, que vinha de longe na tarefa de dar à costa do Ceará a forma rectilinea, que um dia tomará alinhando-se por elle, incumbio-se de aterrar os *lagamares* do perimetro da futura cidade, lançando sobre elles uma quantidade enorme de areias, e fazendo-os perder o seo primitivo character de *marinhas*.

A este poderoso instrumento das transformações da terra deve a Fortaleza o assento, que lhe coube.

A conformação do solo, ao começar a povoação, era mais ou menos esta:

O ribeiro do Pajehú dividia em duas zonas distinctas as terras immediatas á fortaleza de N. S. da Assumpção: — na margem direita, o planalto conhecido por *Oiteiro da Prainha*; no lado opposto, terrenos ligeiramente accidentados, onde se acha agora a maxima parte da cidade.

Estes erão á sua vez divididos em outras duas zonas, como mostraremos.

O ribeiro Pajehú corria em uma baixada ou valle, que naturalmente inundava em suas grandes cheias. Este valle está representado por toda largura da antiga rua Direita dos Mercadores, moderna Conde d'Eu. Na parte inferior e parallela ao ribeiro, edificou-se a ala oriental desta rua, e, sobre a quebrada, que dava accesso para os terrenos da esquerda, a ala fronteira.

Dão testemunho disto a casa da *Ribeira* e os edificios contiguos, os quaes aproveitando a rampa, asobradárão na frente.

Dois tributarios do *Pajehú* cortavão os terrenos da margem esquerda, dividindo-os em duas collinas ou lombadas, que corrião no mesmo sentido; a saber: o correjo de *Lagoinha*, e o do *Garrote*.

Destas duas lombadas os pontos culminantes erão: na do sul o local, em que existio o theatro *Thaliense*, hoje sobrado n.º 112 da rua Formosa; na do norte a posição occupada pelo hospital de *Misericordia* e edificios, que alinhão com este.

Esta ultima eminencia, ao tempo em que o terreno da cidade estava a nú, se destacava tanto, que o viajante inglez Koster diz que a fortaleza e paiol da polvora estavam situados sobre uma montanha de areia.

A baixada, correjo, ou valle do norte, servindo de desaguardouro de *Lagoinha*, indica que esta represa esteve em communicação com o mar, e foi mesmo uma dependencia d'elle. Hoje está quasi extincta, e no local della se vae construir uma praça.

As aguas de *Lagoinha*, aproveitando a baixada, que as areias lhe deixarão, escoavão-se por ella, atravessando, na rua do Senador Pompeo o terreno da casa do telegrapho n.º 80; na rua Formosa, o do sobrado n.º 72; na rua da Palma, o do sobrado da Relação n.º 28.

Dahi, inclinando para leste, passavão no becco do *Mercado*, e penetravão no ribeiro *Pajehú*, ao lado da casa do Dr. Paurilio, antiga residencia de Conrado.

A estrada de *Jacarecanga* cortava esta baixada, a qual se conservava sempre humida. Pessoas existem ainda, que, em passeio para aquelle suburbio, atravessarão-na, mudando de calçado.

No grande inverno de 1839 ahí se estabeleceo uma corrente, que permaneceu algumas semanas.

Na secção do sul, o correjo do *Garrote* vinha cahir na lagoa deste nome, em communicação com *Pajehú*, e hoje tambem ameaçada de desaparecer. Este



corrego atravessava a rua do Senador Pompeo, no sitio ora occupado pela casa n.º 213 de Jacob Cahn.

Elle ainda tem o leito desobstruido na sua parte inferior.

Si nos fôra licito pênetrar nos dominios da sciencia, e occupar-nos de um passado pre-historico, applicariamos o facto de por toda parte se encontrar agua da melhor qualidade, perfurando o solo da cidade; mostrariamos que primitivamente estiverão em absoluta continuidade, formando um só e extenso banhado, lagôas, ribeiros e collinas, de que temos fallado.

Em principio, erão massas ingentes de areia, sopradas dia e noite pelo rijo suêste, a levantarem constantemente o fundo desse banhado; depois os ilhotes, que emergião, e se dilatavão, sem cessar. Um dia, as aguas, divididas e subdivididas, se acharão redusidas a duas unicas parcellas, e continuava a alluvião; nuvens de areia corrião sempre pela superficie do solo!

O ambito dos dois reservatorios foi diminuindo mais e mais, e chegou a vez das aguas só se escaparem das suas prisões pelos dois correjos indicados.

Erão estes, pois, ainda a obra do vento!

Rondando mais á direita, ou mais á esquerda, elle tinha consentido nessas depressões do solo, que separavão as duas collinas do *Thaliense* e da *Misericordia*, para vir sobre ellas opportunamente.

Ia assim mui adiantada a obra da natureza, quando sobreveio o homem, e lhe disse: Pára!

Obscuros soldados, expedidos do Rio Grande do Norte, emissarios e precursores, sem o saberem, d'uma civilisação que despontava, vierão lançar sobtê o dorso das duas collinas os fundamentos de uma cidade, fadada quem sabe a que destinos!

Houve tempo, em que se suppoz que a cidade

tendia a dilatar-se no planalto do *Oiteiro*, sitio aprazível, com uma vista esplendida sobre o oceano, e bafejado d'uma brisa constante.

Neste supposto, o governador Sampaio influio, para que se edificasse a rua *Sampaio*, do plano do engenheiro Paulet, a primeira, em que se empregou exclusivamente o tijolo, condemnando-se a taipa.

Mas alli a jazida das aguas estava á maior distancia, ou erão estas menos abundantes; por isto que o terreno é de formação mais antiga.

Força foi por tanto ver preferida a região ao occidente do *Pajehú*, e com empenho tal, que não ha duvidar, que em 30 annos este bairro da cidade tenha como divisa de um lado o ribeiro indicado, de outro o *Jacarecanga*.

Taes disposições do solo dividem a cidade mui naturalmente em trez bairros:

Bairro da *Praia*, entre o mar e as barrancas.

Bairro do *Oiteiro*, á direita do *Pajehú*.

Bairro do *Commercio*, á esquerda.

Não se faria nenhuma injustiça em chamar este ultimo — o bairro de *Martim Soares*, do nome do chefe que o começou.

#### IV

Arruamento antigo. Subsidio das agoasardentes. Palacio. Mercado. Patibulo. Estradas. Cemiterios.

Para darmos uma idéa exacta do que foi a *Fortaleza* e seu municipio em 1810, temos necessidade, repetidas vezes, de recorrer a factos anteriores, ou de ir adiante desta época, fazendo menção de outros, que esclareção a situação.

Em 30 de julho de 1803, a camara fez um adjuncto da nobreza e do clero para pedirem ao principe



regente que elevasse a Fortaleza á categoria de cidade. A povoação era entretanto mui insignificante para merecer as honras reclamadas.

As ruas existentes erão:

QUARTEL — em seguimento ao quartel de linha, rua, da qual algumas casas existem ainda, que não forão reconstruidas.

Parece ser a mesma, que nos antigos documentos se encontra com o nome de rua da *Cadeia*; pois que a cadeia era no quartel, cujo alinhamento ella tinha, correndo á leste da praça do *Concelho*.

PRAÇA DO CONCELHO — formada pela matriz á leste e por uma phalange de casas em frente a ella, tendo pelos fundos a rua do Quartel ou da Cadeia. E' nesta phalange de casas, que deve ter existido a primitiva casa de camara; é desta praça, que nos falla Koster, quando diz:

«A cidade do Ceará está edificada em meio das areias em fórma de quadrado, com 4 ruas partindo da praça. Tem ainda uma longa rua, que segue uma direcção parallella ao lado septentrional da praça.»

Esta rua era a das *Flores*, que cortava em angulo a da *Bôa-Vista*, mui frequentada por causa dos assougues, e dava sahida para o matadouro e para *Jacarecanga*.

A praça, de que falla o viajante, deve entender-se a da lei e uzança portuguesa, isto é, a praça em que estava o pelourinho, symbolo da villa ou communa, e cuja erecção importava dizer que esta se tinha inaugurado.

Nas villas portuguesas o pelourinho era sempre n'uma praça, que constituia uma especie de *Forum*.

Em frente a essa linha de casas, que já desapparecerão totalmente, e das quaes em 1850 ainda existião algumas, inclusive um pequeno sobrado de madeira, esteve a 50 passos da matriz o *pelourinho*,

que, por provisão de 16 de novembro de 1818, se mandou collocar na praça *Carolina*.

A' esquerda, na linha, que vai do angulo da thesouraria ao da matriz, estava a *polé*, outro instrumento de supplicio. No sitio desta havia uma excavação perigosa para os transeuntes, que a camara mandou entupir pelo povo, em 1801, congregando-o para isto.

Por trás da matriz corria o sitio e casa do negociante portuguez, sargento-mór Antonio Francisco da Silva; predio este, que foi convertido em *Palacio episcopal*.

Ainda em frente ao quartel se encontrava a casa e sitio do naturalista Feijó, agora dos herdeiros de Manoel Franklim do Amaral e outros.

Havia uma fonte neste sitio, que foi convertida em aguada publica em 31 de julho de 1813, em virtude de transferencia feita por Feijó á camara, em 11 de julho de 1812. Para isto se fizeram algumas obras, que existirão até pouco tempo.

Mais tarde os adquirentes do predio se apoderarão de tudo, privando o povo do uso dessa fonte, sem indemnisar a fazenda publica, que fez a despeza das construcções, e a camara municipal, que tinha a propriedade della.

DIREITA DOS MERCADORES — marginando o regato Pajehú, com frente para o mercado actual. Esta rua, começando na casa n.º 45, interrompia-se no becco até pouco tempo conhecido por *Pocinho*, e, continuando para o sul, chegava até a chacara de D. Anna da Costa Porto (*Gouveia*).

Na ála opposta havia sobre a barranca, no lugar que hoje é praça interior do mercado, uma casa de residencia de Antonio da Costa Souza, a qual foi desapropriada em 1818, quando se quiz fazer essa obra. Em seguida para o sul, encontrava-se a que servio de residencia dos antigos governadores, a



qual, em 9 de janeiro de 1809, passou a pertencer á camara, por troca feita com a que serve actualmente de palacio do governo.

Este predio, celebre por ter servido primitivamente de palacio dos governadores, e após isto de Paços da camara, onde funcionou igualmente a junta de fazenda, mais celebre se tornou por ter servido para a commissão militar, tribunal de sangue, que mandou ao patibulo, em abril e maio de 1825, os patriotas padre Gonçalo, Pessoa Anta, Ibiapina, Bolão e Carapinima. Pertenceo primitivamente a Raimundo Vieira da Costa Delgado Perdigão, que o alugava aos governadores por 40\$ annuaes, como se vê do contexto de uma acta da camara de 13 de fevereiro de 1813. Parece que ao tempo da troca já era do Estado.

Pertence hoje ao coronel Victoriano Borges, com a numeração de 42.

Deste predio passou-se a camara para o que occupa actualmente, obtido depois da independencia, por compra ao negociante Francisco José Pacheco de Medeiros.

Em seguimento para o sul, encontrava-se a casa de morada de José Pacheco Spinosa, quasi no mesmo alinhamento, sobre a barranca, e nenhuma mais até a travessa agora d'Assembléa.

Seguia-se o palacio do governo, predio, que foi do capitão-mór Antonio de Castro Vianna, comprado pela camara á junta de fazenda em 1802, por intermedio, ou com a garantia do capitão-mór Feitosa, e transferido, como dissemos, aos governadores em 9 de janeiro de 1809.

Para haver este predio, a camara tinha creado um imposto, que se chamava subsidio das agoas-ardentes, o qual consistia em 4\$000 por cada pipa, que se importasse.

A antiga casa da camara era um máo predio, em

concertos, sempre que se dava aposentadoria aos ouvidores. Foi vendido em 4 de janeiro de 1803 ao professor regio Avila por 71\$000.

Completavão esta rua algumas casas em frente ao sitio de D. Anna da Costa, das quaes ainda existem algumas já muito arruinadas.

ROSARIO—por trás da ermida deste nome, da qual existem ainda algumas casas.

PRAÇA DE PALACIO—que dava sahida para o terreno, que fórma agora a praça Carolina, da qual algumas casas desalinhadas seguião na direcção da rua do Monteiro.

MONTEIRO — pequena fila de casas, que cörtava obliquamente o eixo da rua hoje do Major Facundo em frente á casa numero 74.

BECCO DAS ALMAS — Travessa que ficava ao lado esquerdo do sitio de Antonio Francisco.

RUA DAS FLORES—com alinhamento um pouco ao norte da actual.

BÔA-VISTA — por trás e ao occidente da rua do Quartel, de cujos predios alguns existem ainda. Era nesta rua, ao sul da rua das Flores, que existia a casa da Inspeccão do algodão, onde estão os predios actualmente com a numeração 31, etc.

RUA DA FORTALEZA — linha de casas, que corria parallella á fortaleza na direcção mais ou menos da rua actual da Misericordia.

Não havia até então um mercado publico. A pequena e a grande permuta se fazião em lojas e vendas, que se encontravão na rua Direita dos Mercadores, e na do Rosario. Foi em 1812, que a camara mandou que, no pateo da casa de suas sessões cercado de madeira, em meio do qual havia um telheiro, se estabelecesse uma feira. Nesta estacada e na face, que olhava para a praça *Carolina*, se collocou um portão, por onde se entrava para o mercado, das 6 horas da manhã ás 6 da tarde. Em janeiro de 1814, resolveo a camara



fazer uma casa para ribeira, restaurando para isto o imposto de 4\$000 réis sobre pipa de agoardente, medida que justificou, fazendo escrever na acta da sessão, que não se podia chamar oneroso este imposto, por isto que todo seo peso cahia com egualdade sobre os *bebedores*, podendo os vendilhões augmentar-lhe o preço, por quanto *agoardente era objecto de luxo e causa de crimes*.

Em abril desse anno, os capitães-mores Dourado e Castro tomarão a si a construcção do edificio, emprestando o primeiro 1:200\$000, e incumbindo-se o outro da administração da obra. A planta foi do ajudante d'ordens do governador, tenente coronel Antonio José da Silva Paulet, e servio de mestre o portuguez Antonio Simões, que deo começo aos trabalhos em 1815.

Este edificio foi inaugurado e entregue definitivamente ao publico em 12 de setembro de 1818, mandando a camara fazer inscripções em honra do Juiz de fóra Cruz Ferreira, do governador Sampaio, de Dourado e Castro.

Sobre o portão, que dá para a Carolina poserão em calça o seguinte:

*Em 12 a praça pelo Cruz fundada.  
Em 15 por Sampaio edificada.*

Sobre o portão, que fica do lado opposto:

*Aqui Dourado e Castro permanecção.  
Cidadãos generosos nunca esqueção.*

Foi tambem depois de 1810, que a fortaleza de Assumpção tomou a forma que tem hoje. Deve-se ao governador Sampaio e ao architecto Paulet. Suas obras forão inauguradas em 14 de outubro de 1812. Derão-se nomes a seus 4 baluartes: ao do nordeste

de *N. S. da Assumpção*, ao do suéste de *S. José*, ao do noroéste de *D. João*, ao do sudoéste de *príncipe da Beira*.

No lugar occupado pelo predio n.º 50 da rua *Formosa* estava o *matadouro*; e não longe o assougue, na extremidade norte da rua da *Boa-Vista*.

Era lugar de execuções capitaes a praça actualmente jardim do Passeio publico, e continuou até 1825. D'ahi se passarão para o campo d'*Amelia*, lugar occupado agora pela Estação da estrada de ferro.

Nesse tempo, as cabeças dos justicados andavão a metter medo ás populações, condusidas d'uns para outros termos, como se vê do documento infra :

« Pela presente portaria ordeno ao Juiz de fóra da villa da Fortaleza que assim que ella lhe for apresentada, encarregue ao alcaide ou meirinho da mesma villa de conduzir á villa de Sobral a cabeça do réo Semião de Freitas, que entregará ao juiz ordinario da villa de Sobral, que della fará o que no officio junto lhe ordena a superiora junta de justiça de Pernambuco. Outro sim, ordeno ao capitão José Henrique Pereira, que para a dita execução nomeie um official inferior ou arvorado com 4 soldados para acompanhar o mesmo meirinhó, nesta diligencia, cujo auxilio será dado assim que o juiz ordinario o requerer. Villa do Aracaty 18 de outubro de 1804 João Carlos Augusto Oeynhausén.»

No mesmo lugar existia o paiol de polvora, que foi mudado para a rua actual *Pedro II*, e ultimamente para o *Croatá*, donde tratão de removê-lo para Lagoa-funda.

A cadeia publica era nos baixos do quartel de linha e sobre ella funccionava a Junta da Fazenda publica, até que se passou, em janeiro de 1809, para a casa adquirida pela camara na rua *Direita dos Mercadores*.

Completavão a cidade as estradas, que partião



para diversos pontos ; a de Mecejana e Soure, como actualmente; a de Arronches, pela travessa do *Cajueiro*; a de Jacarecanga, pela rua do *Senador Alencar*; a do Cocó, por um lado do sitio de Antonio Francisco.

Em 1810 tratou-se de fazer um cemiterio em seguida á matriz, lado do mar ; mas esta obra, para a qual o vigario da parochia pedia consentimento, parece não ter sido levada a effeito, continuando as inhumações no interior das duas pequenas egrejas.

Era isto, pois, no ponto de vista material, a povoação que já em 1808 aspirava aos fóros de cidade.

## V

Ícó, Aracaty e Sobral comparados. Povoamento do Ceará. Mineração. Plantio da canna. Os indios. Criação de gados. Escravos. Commercio com Pernambuco.

A julgar pelo que informava Luiz Barba Alardo ao governo, em seo officio de 18 de Abril de 1814, a Fortaleza estava muito menos adiantada que outras povoações da capitania.

O Ícó, dizia elle, era a situação mais rica e agradável do Ceará. Suas rendas municipaes erão de 335:075 réis, em quanto as da Fortaleza não passavão de 154\$360 réis; a população do seo termo era de 17:698 individuos, quando a do termo desta, incluindo Mecejana, Soure e Arronches, villas de indios, attingia sómente a 13:376. No Ícó havia, além de bôa casa de camara, quatro egrejas, inclusive a matriz, que dizia o governador ser uma das mais ricas da capitania. A Fortaleza contava apenas as ermidas do Quartel e do Rosario, e a matriz, que não estava acabada, nem se concluiu até ser derribada, para edificar-se a cathedral.

O Aracaty continha nos seos muros uma popula-

ção de mais de 2:000 almas, sendo de 5:333 a do seò termo e freguezia. Apurava uma grande renda municipal, tinha quatro templos, casa de camara melhor; mais assejada e mobiliada da capitania; casa de inspecção do algodão, melhor que a da capital, um asougue magnifico, dizia elle, o melhor que tinha visto. Erão dignas tambem de attenção naquella villa as casas dos principaes negociantes, feitas á moderna. Como ficavão na rua principal, de grande extensão e largura, fazião uma perspectiva muito agradável. Estes negociantes, em numero não pequeno, erão não só os mais ricos, como os mais polidos e bem educados da capitania.

Sobral já era tambem um povoado mui notavel, a freguezia continha 14:629 habitantes.

Comprehende-se facilmente, porque outras povoações tomarão a dianteira á capital.

Foi no periodo da invasão hollandesa, que o interior da provincia do Ceará começou a ser povoado e conhecido. Seo nome era então—região do *Jaguarive*. O Ceará primitivo, ou como dizião—a costa de *Mucurive*, foi a primeira região que recebeu povoadores portuguezes e de raça crusada; mas os recebeu em menor quantidade.

Familias, que fugião ás vexações da guerra, ou corrião diante dos invasores, estabelecerão-se nos sertões da Bahia e de Pernambuco, e d'ahi se disseminarão pelo Ceará. (1) Continuando sua marcha para o interior, os rios erão os caminhos, que seguião, pois que outros não havia.

Assim foi que pelo riacho da *Brigida* vierão povoadores para as terras do *Araripe*, emigrados da Bahia por *Cotinguiba*, ou de Pernambuco por via

---

(1) O nome Ceará, vem do outro Ceará, no Rio Grande do Norte, cujos indios vierão para aqui com os primeiros missionarios.



de Penedo e Porto Calvo. Pelo Rio do Peixe vierão os povoadores do Icó, e alto *Jaguaribe*, procedentes da Parahiba, de Pernambuco, etc. Finalmente o baixo *Jaguaribe*, o litoral do Ceará, e o valle do *Acaraci* receberão povoadores das costas de Pernambuco, da Parahiba e Rio Grande do Norte.

Desta ultima procedencia é principalmente a população do norte da provincia.

A corrente de immigração para o sul, occasionada pela guerra, continuou por outras causas, algumas de natureza permanente.

Logo em 1712 começarão os boatos da existencia de grandes jazidas de ouro nas immedições do *Araripe*, e em 1753, não obstante cautellas tomadas pela autoridade, era consideravel a accumulção de aventureiros nos terrenos do *Salgado*.

O governador de Pernambuco mandou postar em *Missão-Velha* uma força numerosa commandada por Jeronymo Mendes da Paz, afim de obstar as desordens e os contrabandos em prejuizo do quinto.

Houve trabalho de mineração na *Fortuna*, *Barreiros*, *Mangabeira*, *Morros-dourados* e muitos outros pontos.

Quando, pela ordem de 12 de setembro de 1758, se mandou dispersar essa gente, sob penas severas, já não havia mais um pedaço de terra devoluta naquellas paragens, e a população congregada applicou-se á agricultura, e á criação de gados.

Ficavão á pequena distancia as serras e brejos do *Araripe*, terrenos dos mais ferteis do imperio, que continuárão a attrahir povoadores; e veio o plantio da canna de assucar para tornar permanente a immigração.

Foi alli que começou para o Ceará a industria assucareira.

Accrescente-se a isto a excellencia dos campos para a criação de gados, e eis como em 1810 já exis-

tião na bacia do Jaguaribe, 59:628 pessoas, outros tantos consumidores e productores para o commercio do Aracaty.

As demais ribeiras da provincia, segundo o recenseamento de então, continhão apenas 66:240 habitantes, completamente desligados, sendo que parte do norte fazia quasi todo seo commercio com o Maranhão.

E' preciso não esquecer uma circumstancia, que dá idéa mais completa do movimento immigratorio no sul do Ceará.

A população de origem americana é menos alli, do que no norte. Os indios forão quasi exterminados; nas regiões do Jaguaribe, pelas guerras, que tiveram entre si e principalmente pelas barbaras e incessantes correrias dos capitães-mores de entradas, em quanto que no norte a protecção dos jesuitas os tinha feito poupar.

Era pois o Aracaty a praça de commercio, que se constituiu, e devia constituir-se primeiro. Aventureiros portuguezes para ali affluirão, por via de Pernambuco.

Este ponto maritimo era justamente o que se ligava aos focos maiores de população, formados no interior pela invasão, e enriquecidos pela industria, que se podia explorar naquella epoca — a criação de gados. As margens do Jaguaribe erão caminhos, que conduzião ao Icó, S. Matheus e Inhamuns; as do Salgado, seo affluente, a Lavras e Cariry; as de Banabuiú a Quixeramobim, etc.

A Fortaleza, ao contrario, achava-se isolada na zona dos taboleiros, em communicação com o litoral somente, não alcançando suas relações para o interior mais que Baturité, Canindé e Uruburetama.

O producto unico desta região era o algodão. A outra o tinha na mesma quantidade, accrescendo os gados, que deixavão muito mais; visto como, pelo



porto do Aracaty, exportava o xarque, o couro, a sola e a camurça; pelo interior suppria os assougues de Pernambuco e da Bahia.

A criação do gado bovino se desenvolveo mui rapidamente na bacia do Jaguaribe. Em 1647 já d'alli sahião 700 bois para supprimento do exercito de João Fernandes Vieira. Em 1719, individuos havia, que possuião mais de 4 mil rezes nas proximidades do Icó.

No Aracaty, antes da secça de 1792, xarqueavão-se annualmente de 20 a 25 mil bois; e pelo seo porto sahião de 25 a 30 mil couros salgados, de 50 a 60 mil meios de sola e vaqueta, 30 a 35 mil couros de cabras, de 2 a 3 mil pellicas brancas, (camurça) que costumavão a fabricar nos sertões. Tudo isto dava para manter na praça uma importação de fazendas, que antes de 1892 já era orçada em 400:000 crusados. A cultura do algodão, que já existia no valle do Jaguaribe, depois d'ella augmentou consideravelmente, de sorte que a exportação de 1794 foi avaliada de 16 a 18 mil arrobas.

Era tambem consideravel o commercio, que fazia aquelles sertões com as zonas assucareiras de Pernambuco e Bahia, ministrando-lhes bēstas de carga, e cavalgadas de raça excellentē para viagens.

O governo de Portugal, que em tudo se ingeria, prohibio formalmente (1761) a entrada de machos e mullas na capitania, mandando que fossem mortos, os que de então por diante se introduzissem, e fossem apprehendidos os que se encontrassem. Na sabedoria do governo portuguez, esta medida fazia-se necessaria, para que se não extinguisse a raça cavallar! Só em 1764 achou que assim não era, permittindo a criação de muares, com certas cautelas, é verdade.

Foi este commercio pelo interior com as duas pró-

vincias, que deu entrada á grande parte dos escravos africanos, que a capitania veio a possuir.

Até 1818 não tinha havido importação directa da costa d'Africa.

Segundo o testemunho do governador Sampaio, os que tinham vindo por via de Pernambuco, de 1813 a 1817, andavão somente por 352.

O governador solicitou para o Ceará, em fevereiro de 1818, a graça de poder importar escravos d'Africa, como se tinha concedido á capitania do Pará. Não foi porém concedida ; pois que elle mesmo, em outubro do anno seguinte, communicava ao governo que havendo entrado aqui o cutter *Sirene*, procedente da ilha—Boa-vista do archipelago de Cabo-verde, com 39 africanos, tirados da costa d'Africa, donde era prohibido exportar, segundo o alvará de 26 de janeiro de 1818 ; elle os tinha apprehendido, mandando processar os introductores.

Até a promulgação do alvará de 17 de janeiro de 1799, que, separando o Ceará da capitania de Pernambuco, lhe deo permissão para negociar directamente com a metropole, todos os negocios da Fortaleza e Aracaty erão exclusivamente com a praça de Pernambuco.

Esta emancipação do commercio, porem, si bem que limitada, não deixou de encontrar opposição e dividir os animos na capitania. Os que tiravão proveito do commercio com Pernambuco, fizeram manifestações, que não forão adiante pelo respeito talvez, em que era tida a autoridade !

Em 4 de fevereiro de 1800, o vereador da Fortaleza, João Manoel Casemiro, reclamou que se havia propalado na villa que elle e alguns officiaes da camara não tinham querido assignar uma carta, que o capitão-mór Castro Vianna minutára para o senado, agradecendo a separação da capitania e a permissão concedida para negociar directamente com



Portugal. Assim, dizia elle, querião indispor-os com os superiores!

Targine, em uma representação ao rei, falla de negociantes do Icó, que se mostravão mal satisfeitos com a concessão, e parecião combinados com os de Pernambuco para annullar tamanho favor.

O Aracaty, que não podia fazer, com as mesmas vantagens, o commercio directo com Portugal, pela natureza do seu porto, continuou enfeudado a Pernambuco. Manteve, porém, a sua primasia á mercê da impossibilidade, em que se achavão as povoações do Jaguaribe de encaminhar seus productos ao porto da Fortaleza.

Accrescentando-se á tudo isto que a propria cultura do algodão só se desenvolveu, no municipio da Fortaleza, depois do alvará de 27 de maio de 1803, que reduzio á metade os direitos de entradas e sahidas de todas as mercadorias, e que até antes o algodão, obrigado ao interposto de Pernambuco, supportava um frete mais pesado que o do Aracaty, tem-se em conclusão a somma de motivos, pelos quaes era este ainda, ao tempo de Barba Alardo, um mercado muito superior ao da Fortaleza, e a razão mesmo, porque tambem o Icó, quasi na confluencia do Salgado, lhe estava superior em riqueza, população, e desenvolvimento material, embora aqui fosse a séde do governo, do functionalismo da capitania, da força paga, etc.

## VI

Carolina. Alinhamentos novos. Pontos de referencia.

O alinhamento da Fortaleza, tal qual se vê hoje, cortada em quadras regulares, alinhando pelos quatro pontos cardaes, e de modo que o ar circule perfeitamente, e o mar sirva de vista a extensas avenidas, é obra dos tempos coloniaes.



Constituida a cidade, acompanhando sua primeira rua (*Nova ou Direita dos mercadores*) as sinuosidades do regato Pajehú, as que se projectaram até o tempo de Sampaio, forão seguindo o máo caminho, ou nascendo tortas.

Ainda hoje se observa esta falta, comparando a cidade, que se estende ao poente do *Mercado* com a parte antiga, que se tem prócurado corregir, ou cuja irregularidade se tem conseguido illudir, em grande parte, traçando outras ruas.

Em sessão do senado da camara, de 21 de novembro de 1812, se assentou de pedir, e pedio-se effectivamente ao governador que mandasse fazer uma planta para a edificação da cidade na parte do oéste da praça — *Carolina*, visto que só havia uma parte o lado de léste.

Foi esta a origem do alinhamento actual da Fortaleza. O engenheiro Paulet executou o trabalho, e forão presentes á camara, em 15 de maio de 1813, duas plantas, uma das quaes entendia com o oéste d'essa praça, a outra modificava o plano já estabelecido para a parte opposta. Em virtude desta, o boticario Bernardo José Teixeira tinha lançado os fundamentos da velha rua do *Sampaio*, em honra do governador, por traz da dos *Mercadores*; rua tanto tempo esquecida, e só agora adiantada com algumas casas de melhor apparencia. A fórma quadrangular foi adoptada desde então pela camara, que a mantinha com cuidado.

A *praça da Carolina* (actualmente de *Pedro II*) era um pateo sem edificação regular, que demorava ao poente da casa da camara, pateo cercado de madeira, no centro do qual havia alguma edificação má e incorrecta.

Concluida a obra do mercado, alinhou-se pela frente d'este a ála da *Boa-Vista* que corre parallelamente.



N'esta ála edificou o capitão-mór Castro a casa n.º 24, em que actualmente reside o Sr. Paz Pinto, e para o norte o negociante Nunes occupou uma esquina, abrindo caminho da praça para o matadouro.

Foi pois a frente do mercado, que servio de linha de referencia para todas as que se projectaram. Em outubro de 1814, já estava em começo a rua da *Palma*, hoje do major Facundo, incumbindo-se de sua abertura ou traçado o boticario Bernardo José Teixeira, que foi por isto louvado pela camara, como benemerito.

O serviço, portanto, que se tem attribuido a Antonio Rodrigues Ferreira, de ter alinhado a cidade, fica reduzido ao facto de ter contribuido poderosamente, em epochas posteriores, para a observação d'aquelle plano. A outro boticario caberia a gloria pela execução do traçado de Paulet, sendo preciso restituir-lhe o que lhe tiraram, para illustrar o nome d'aquelle.

Ferreira chegou ao Ceará em 1825, quando já existiam muitas ruas da nova planta. Entrou para a camara, na qualidade de vice-presidente, na eleição, que se fez no governo de Fausto A. de Aguiar (1848) e servio de presidente no quatriennio seguinte, fallecendo em 1856.

A ála em frente ao mercado extendeo-se até prender-se á antiga rua da Boa-Vista, pois que aproveitou-lhe os poucos edificios, ficando como um prolongamento della. Encontravão-se, em 1825, na linha, que corre em frente ao palacete da Assembléa e ao Gabinete de leitura, uma casa do capitão-mór Barbosa, outra de Manoel Francisco da Silva, e duas do coronel Machado.

Foi depois de 1825, que se edificou o sobrado n.º 34, que tem frente precisamente para o palacete indicado. Para fazer estas casas e as do fundo, com frente na rua do *Major Facundo*, foi de mister de-

molir a velha rua do *Monteiro*, que as cortava obliquamente.

Firmaram o alinhamento—o sobrado, actualmente *Casa da camara*, que foi de Francisco José Pacheco de Medeiros (Pachecão), edificado antes de 1824; o sobrado do coronel Machado, alinhado por esse outro em 1825; e finalmente edificio do *Ensino mutuo*, que Belfort mandou construir em 1828.

Pela rua da Boa-Vista, pois, alinharam-se todas as ruas, que correm do sertão para o mar; pelo sobrado de Pachecão, a rua *Municipal*; pelo sobrado de Barbosa, a da *Assembléa*; pela casa de Nunes, a do *Senador Alencar* (nome moderno).

A rua das *Flores*, que fecha ao nascente com a *Sé*, ao poente com a capella do cemiterio, na extensão de quasi dois kilometros, é antiquissima. Muitos annos levou a ser alinhada, não se podendo de todo corrigir seus vicios primitivos; a frente da *Sé* lhe ficou de esguêlha. O que se pôde fazer foi illudir o defeito, para quem estiver á distancia.

Eis, pois, como se fez a cidade mais regular do norte do imperio.

## VII

Pobresa. Opinião de Ferdinand Denis. Derramas. Litigios. Pescado.

Era pobrissima a séde da capitania até o governo de Barba Alardo, que tomou a si promover o seo commercio externo, e dar impulso á agricultura nos municipios visinhos.

Alguns factos dão idéa das condições, em que se achava.

Em 1798, o governo de Lisboa mandou que a camara procedesse a uma finta para o estabelecimento



de mestres de officios, de um medico, de um cirurgião etc, os quaes devião chegar no primeiro de junho do anno seguinte. Naturalmente não podião ser grandes cousas; mas a camara assustou-se com os hospedes annunciados, e, para tratar do assumpto, convocou os *Republicos* da villa, de preferencia á nobresa, clero e povo mixturadamente, como de outras vezes.

Desta importante deliberação damos integralmente o processo verbal.

« Aos 14 dias do mez de maio de 1799 annos nesta villa da Fortaleza, de N. da Assumpção, capitania do Ceará grande, nas casas dos Paços do concelho della aonde se achavão o juiz presidente Manoel Lopes de Abreo Lage (Licenciado), e procurador do concelho e republicos, para assentarem o que haviam de responder ás ordens dirigidas a este senado sobre as fintas para estabelecimento de um medico, um cirurgião, contadores e idrales (sic), e sendo-lhes lidas as copias de ditas ordens, cujas ordens são de 21 e 27 de outubro de 1798, as quaes sendo lidas, forão de parecer que depois de agradecer á S. M. o beneficio que queria fazer aos povos desta villa e seo termo, principalmente para o estabelecimento de um medico e um cirurgião, por haver destes maior precissão do que de idrauculos e Ipografos (sic) se respondesse a S. M. que muito a seo pesar se não pode fazer um imposto ou finta sufficiente para o mesmo estabelecimento em rasão da pobreza, a que estão reduzidos os povos depois da calamitosa secca de 92, que grassou em toda esta capitania, cuja pobreza, se coadjuva muito mais com a do senado, por quanto sua casa é de taipa, indecente e quasi de todo arruinada (é a que foi vendida ao professor Avila, em 4 de janeiro de 1803), além de não ter mobilia de qualidade alguma, e de lhe ser necessario para as funcções mais publicas, como a presente, pedir

trastes emprestados, por não ter o mesmo senado patrimonio sufficiente para as suas competentes despezas para poder contribuir para a felicidade publica, por meio de obras de que esta villa e seo termo padecem a mais urgente necessidade, e que quando elles tivessem possessões sufficientes, as desejarião esgotar em beneficio de uma decente casa de camara, cadeia, mobilia e pontes, de que tanto necessita para conservação da autoridade do senado, para punição dos delinquentes, e para commodidade do commercio, por serem os objectos, que devem occupar a primeira consideração do senado.»

Em 1805 foi que esta corporação pôde comprar 18 cadeiras. Antes disto possuia trez archibancas, ou bancos de madeira com encosto, e uma mesa coberta de panno encarnado com couro de carneiro no meio, ornado de franjas amarellas.

Datava esta mobilia de 1799.

A villa estava sempre a braços com a penuria, e a camara, incumbida de prover a subsistencia publica, empregava todas as medidas em uso naquelles tempos de violencia e de ignorancia.

A venda da farinha era regulada pela camara, que a tomava, onde encontrava, em todas as crises. (2)

Em dezembro de 1799, estando ancorado em Muricipe o barco *Bom Successo*, e suspeitando-se que nellé quizessem carregar farinha, a camara mandou intimar ao mestre que não conduzisse mais que o necessario para a tripolação, pena de 30 dias de cadeia, e 12\$000 réis de multa.

A verdadeira historia do Ceará seria sem duvida a das suas seccas, dizia Ferdinand Denis.

Não será inteiramente assim, tratando-se dos

---

(2) A farinha foi, em principio da colonia, uma especie de moeda para as permutas, á falta de metaes.



tempos modernos; mas até 1817 miséria é quasi o exclusivo objecto das chronicas da terra. O pão era a primeira preocupação, o cuidado de todos, tão escasso, e fallivel era elle.

Durou isto muito tempo.

Notamos que ainda em abril de 1815, seguindo para Angola, na sumaca S. José dois infelizes, que ião cumprir pena de degredo, a camara, que para a viagem delles tinha feito despesa não pequena com dois pares de grilhões, lhes mandava dar 1\$260 rs. para meio alqueire de farinha e um sacco, unica provisão para tão longa viagem!

A carne era vendida ao povo com preço taxado, que regulava fresca 960 por arroba, fazendo a camara effectivo o supprimento, ora por *derramas*, ora por *contracto*.

A derrama era uma obrigação, que se impunha aos criadores de gado de talhar carne no açougue exclusivo da camara, a preço fixo, distribuindo-se por elles os dias do anno. Todos os fazendeiros desde *Carihype* até *Canindé* vinhão obedecer á ordem do senado; e que o não fizessem!

Em abril de 1812, pouco depois da posse do governador Sampaio, deu-se um conflicto por amor disto, que tornou este governador irreconciliavel com o potentado da terra, sargento-mór Antonio José Moreira Gomes.

Tendo este sahido na derrama, excusou-se della, como já fizera em janeiro de 1803, allegando, e prevalecendo-se de privilegios da *bullá da santa cruzada*, que dizia eximil-o; mas realmente por despeito para com o juiz de fóra José da Cruz Ferreira, que tinha annullado um contracto firmado pela camara com um amigo de Moreira, para talhar carne a 1\$200 por arroba.

Foi isto origem de uma divisão na villa, e pela

primeira vez se ouviu a palavra — partido — que era quasi um motivo de devassa!

As pescarias e o consumo do peixe, tudo estava regulado de um modo vexatorio, ficando os pescadores reduzidos a uma condição quasi servil, e prevalecendo sempre a lei do *maximum*, que passava por verdade economica naquellas éras.

Para transportar o leitor áquelles tempos, aqui transcrevemos alguns artigos das posturas de 26 de outubro de 1811.

«1.º Que todos os jangadeiros serão obrigados todos os dias a ir pescar com suas jangadas ao mar, e isto a horas competentes, salvo quando o tempo for tal, que elles de força não possam ir ao mar, debaixo das penas de 30 dias de cadeia cada um dos jangadeiros.»

«2.º Que, para execução deste artigo, primeiro elegendem e determinão que um dos jangadeiros de mais parte e capacidade seja cabo, a quem todos os outros jangadeiros respeitarão e obedecerão, como official de justiça, ficando este cabo obrigado a fazer sobre-ditos jangadeiros irem pescar ao mar, assim como pertence tambem a este cabo decidir, si os ventos e os tempos são favoráveis ou não á dita pescaria, para o que a camara lhe mandará passar o seo alvará e gosará de todos os privilegios e immunidades, de que gosão os meirinhos, com declaração porem que toda omissão que tiver sobredito cabo no seo officio será castigado com 30 dias de prisão, e desde já nomeão para cabo dos jangadeiros Antonio Raimundo do Nascimento, etc.»

«3.º Que primeiro que se sirva na repartição do pescado a todo publico, se tirará com preferencia para o governador da capitania, para o ouvidor estando na villa, para os vereadores e procurador do conselho, e almotacés, para os deputados da Junta, para o vigario da freguezia e capitão-mór, e todos os



mais empregados em officios de fazenda ou justiça, e igualmente para todos os officiaes de tropa de linha.»

Estas posturas são obra dos corregedores e juizes de fóra, que, em adjuncto formado da camara com os republicos, (3) as fazião subscrever. A de que se trata, foi do Dr. José da Cruz Ferreira, magistrado empavêsado e tolo, como os demais daquelle tempo, sinão venal e ladrão, como de ordinario.

## VIII

Preços e salarios. Uzanças. Juizes de officio.

Completa nossa informação sobre a situação economica da Fortaleza na epoca, a que alludimos, a seguinte resenha de preços, salarios, ordenados etc, referidos ao anno de 1800. Vão em Réis.

### GENEROS DA TERRA

Couro de boi 640 réis, idem de viado 200, sóla 800, azeite de mamona, cannada 1\$150, cal (do Aracaty) alqueire 400, tijolo de parede fabricado no Cocó, milheiro 4\$500, telha e ladrilho idem, idem, 6\$000, farinha alqueire 1\$000 réis, milho idem 1\$600.

Um cavallo para carga custava de 10\$ a 14\$ réis. Em reunião da camara, de 12 de julho de 1802 se marcou para a farinha o preço de 1\$600, 1\$920 e 2\$240 réis por alqueire

### GENEROS EXTRANGEIROS

Ferro (arroba) 4\$000 réis, enxada 960, foice 1\$000,

---

(3) REPUBLICOS. Veja-se Candido Mendes, annotações ás ordenações do reino.

picareta 1\$000, machado 900, fechadura de porta 900, ourinol fino 400; um copo para agoa 240, um prato 180, hamburgo — vara 360 a 420, panno fino azul—covado 2\$240, tafetá carmesi 560, gallão amarello de lã—vara 80, cêra branca—libra 720, azeite dôce—garrafa 160, papel de Hollanda—resma 8\$000, dito ordinario 4\$400, dito pardo 4\$000, galha—libra 800, gomme arabe 1\$120, capa-rosa 100.

#### ORDENADOS

Secretario da camara — por anno 20\$ réis, alcaide 8\$, escrivão deste 6\$, porteiro dos auditorios 6\$, assessor da camara—por sessão—640, 1\$, e 1\$600, ouvidor ord. 400\$, grat. 100\$, escrivão deputado 400\$, (Targine tinha mais 800\$ de ajuda de custo, dos quaes consignava 300\$ em Lisboa) thesoureiro da fazenda 400\$, procurador da corôa 30\$, escripturario contador 240\$, praticante de numero 120\$, idem 1.º e 2.º supranumerarios 100\$, thesoureiro dos miúdos 50\$, escrivão idem 20\$, porteiro 150\$, continuo 100\$, escrivão dos feitos 50\$, solicitador 50\$.

#### CONGRUAS

Vigario do Aquirás, congrua ordinaria e fabrica 81\$000 réis; de Monte-mór, Almofala e Arneirós idem, idem 91\$920; do Crato, Monte-mór novo (Baturité) Soure, Arronches, Mecejana e Viçosa 111\$920; coadjutores 25\$.

Havia dois coadjutores em Viçosa.

#### SOLDOS

Governador annualmente 1:600\$000 réis, ajudante de ordem 240\$, secretario 240\$, naturalista Feijó, em commissão 712\$, sargento-mór de milicias



de marinha do Jaguaribe e *Siard* 312\$, ajudante do dito 144\$, escrivão da vedoria de guerra 100\$, alferes de milicias de marinha 30\$700, sargento idem 19\$200

Capitão de infantaria da guarnição, mensalmente 19\$700 réis, tenente 11\$, alferes 10\$, cirurgião-mór 30\$, capellão 10\$, sargento 2\$360, furriel 1\$600, soldado 1\$280, tambor 2\$400.

Alferes de milicia, mensalmente 2\$360 réis, sargento 1\$600.

1.º tenente commandante da artilharia, mensalmente 15\$000 réis, sargento 3\$600, furriel 3\$, cabo 1\$920, tambor-mór 2\$400, soldado 1\$600.

#### SALARIOS

O administrador da obra do quartel e fortaleza (tenente Torres) tinha diariamente 1\$000 réis, mestre de carpinteiros 640, official idem 480, mestre pedreiro 400, serventes 160, dito indio, tirador de madeiras 80.

Os estafetas tinham por viagem, ida e volta, para o Crato 6\$000 réis, Aracaty 2\$500, Pernambuco 20\$, Icó ou Acaracú 4\$, Missão-velha 3\$500, Serra dos Côcos ou Arneirós 4\$800, Inhamuns 5\$800, Quixeramobim 3\$400, Monte-mór 1\$750, Timonha 3\$670 réis.

Entre nós, quem quizer decifrar o passado, adquerindo noções da vida colonial, não se deve eximir de revolver os archivos dos antigos senados:

Em torno da autoridade edil, encontrará a descoberto para serem estudadas, debaixo de muitos pontos de vista, as populações, que entravão para a vida civil, sahindo das selvas, e ás que vinhão de longe aggregar-se a ellas pelo direito de conquista, fazendo valer sua superioridade de casta, e predominando pelo ascendente do seo adiantamento moral.

Estudados com paciencia, os archivos municipaes

dão perfeitamente para se reconstruir a sociedade de outr'ora. Não faremos tanto, mas, referindo-nos aos factos, que estão ao nosso alcance pela leitura dos documentos encontrados na camara da Fortaleza, tentaremos dar a feição d'aquelles tempos, no tocante ás instituições e costumes, como temos querido fazer em relação ao desenvolvimento material da colonia.

Educado pelo clero na superstição e na obediencia passiva, sem noção alguma da vida exterior, em verdadeiro sequestro n'um canto desconhecido da terra; o povo do Ceará vivia uma vida abjecta e servil. O rei era um mytho, e o seo delegado na capitania, participava do culto, que lhe tributavão. Não tinha limites o terror, que infundia sua colera, e os homens se habituavão a uma continua prosternação moral.

Abaixo do governador estava o magistrado, vindo d'alem mar, para fazer fortuna expoliando os seos jurisdictionados, juiz meio raposa, meio lobo, com ares de grande senhor.

Quem vivia em contacto com o povo erão as suas camaras, envolvidas em todas as cousas da cidade, com extensas attribuições em materia de policia.

Infelizmente, compostas de homens ignorantes e acobardados, nem sempre servião á bôa causa, que lhes estava confiada, suavizando o rigor das disposições odiosas das Ordenações e leis portuguezas.

O individuo desaparecia, e o trabalho era uma outorga das camaras ou senados.

Nenhuma arte ou officio se podia exercer sem permissão, isto por largos annos. Ainda em sessão de 8 de fevereiro de 1812, se accordava que ninguem trabalhasse de carpina, pedreiro, sapateiro, ferreiro, alfaiate, marceneiro etc., sem licença, pena de multa. Para obtel-a, os artistas fazião exame perante o respectivo juiz do officio. Só em dezembro de 1813 se



lhes deixou liberdade inteira, continuando todavia, por muito tempo, as corporações de officio.

Em janeiro de 1815 ainda se nomeavão juizes e escriptães dos officios de alfaiate, carpina, sapateiro e pedreiro.

As vezes a licença para trabalhar era com tempo limitado. Assim, em 1804, concedeo-se uma á Josepha Maria de Jesus para trabalhar no seo tear e vender o que fizesse !

## IX

Polícia edil. Aposentadorias. Lavoura. Féstas officiaes. Lutos.

A antiga camara da Fortaleza fazia, em corporação, a correição das lojas, vendas e açougues, acompanhada do seo *almotacé*. Nos registros de 1806 encontra-se a nota infra, que não deixa de ter seo interesse, para os que das cousas procurão deduzir os homens.

« . . . . . nesta villa da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção, capitania do Ceará grande, nas casas da camara, della sahirão em correição o juiz presidente e mais officiaes da camara, e correndo todas as lojas, não condemnando a pessoa alguma, por se achar tudo corrente, só sim indo ao açougue a ver e rever os pezos achou-se o açougue indigno de que se cortasse carne nelle por se achar o cêpo e tarimba com uma grande porquidade em cima da sanguêra da mesma carne, e da mesma forma a casa cheia da mesma porquidade, paredes e chão, e igualmente fazendo-se da cadeira em que se assenta o Almotacé igualmente tarimba de se botar carne em cima, que se achava muito porca, e por estes motivos o mesmo senado condemnou o dito contractador em 6\$000 réis para as despesas do senado.»

A forma dos seus despachos era ás vezes inso-

lente, A João Joaquim, que requeria não se sabe o que, despachava indeferindo — por ser falto de verdade.

Competente para obrigar a termo de bem viver, fazia os pacientes subscreverem as maiores ignomínias.

O professor regio de latim da villa se indispoz com os veriadores, quasi todos portuguezes, por lhe terem recusado attestado para receber seos vencimentos. A camara o fez assignar o termo seguinte:

« Aos 27 do mez de novembro, de 1802, em veriação da camara e senado desta villa, mandou o presidente della e mais veriadores, por ordem dos Illustrissimos Senhores governadores interinos desta capitania chamar á sua presença o pardo João da Silva Tavares, mestre de grammatica latina desta villa, para assignar termo na presença de todos de viver daqui em diante com paz e quietação, conforme ás leis do reino e costumes, de que deve fazer profissão. E sendo vindo o dito João da Silva Tavares, pelo dito senado lhe foi dito, que para occorrer ao socego e tranquillidade publica perturbado pela lingua diffamadora, libertinagem e pessimos costumes, movendo ainda delle João da Silva Tavares o justo castigo que por elles merecia, o advertião de não continuar mais no exercicio de *mexeriqueiro*, enredador e perturbador do publico, magistrados e republicos, pondo fim á dissolução de sua vida, e assignando termo de viver como bom vassalo de Sua Alteza Real, e bom visinho desta villa, sob pena, si o contrario praticar, de ser na conformidade da lei *exterminado* para os lugares de Africa, além das mais penas, com que os seos delictos aggravassem a primeira; o que sendo ouvido pelo dito João da Silva Tavares, prometteo mudar de conducta debaixo da dita pena, e assignou com o mesmo senado este termo para a todo tempo constar da sua emenda ou recal-



citração, conforme o disposto pelo regimento do mesmo senado e leis do reino.»

A este termo seguiu-se uma longa contestação entre a camara e o professor, que era de uma teimosia sem limites. A camara negou-lhe ainda attestados, e elle aggravou para o principe!

Na concessão deste recurso, a camara assistida por um assessor, que tomou para a causa, prendeo o aggravante, porque (diz o auto) estando o termo de agravo já lavrado e em meio, o mesmo professor entrou com palavras *impetuosas* e menos decentes ao respeito que devia ao senado, dizendo que dava de suspeito o escrivão; por dizer que o insultavão com o tratamento de pardo, mostrando ser arrogante e desobediente; e finalmente por ter alteado as vozes sem o respeito devido.

Tavares andou muito tempo em brigas com os vereadores, até que finalmente se conciliarão.

Erão mui usados, na camara, os termos de bem viver. Em dezembro de 1805, ella fez assignar identico a Manoel José Ribeiro.

Tambem conhecia do crime de injuria, tomando um assessor, a quem pagava de 640 a 1\$600 réis por cada conselho.

Promovia a aposentadoria dos magistrados, designando a casa, que devião tomar, e fazendo-lhes a despesa, que regulava 10\$ réis por mez!

O celebre missionario Frei Vidal teve igual favor, quando veio ao Ceará. Em dezembro de 1796 a camara designou para residencia delle a casa do alfaiate Salvador, á rua do Quartel!

Tratava da abertura e conservação dos caminhos, e obrigava os camponezes a plantar mandiôca e cereaes diversos, sob pena de multa e cadeia.

Uma postura de março de 1803 impunha a cada lavrador a obrigação de apresentar annualmente em camara 30 cabeças de passaro do bico redondo. Esta

perseguição, que aliás era feita por todas as camaras da capitania aos *papagaios, periquitos e maracanãs*, deixa vêr, que o numero destes passaros era então maior que actualmente.

Promovia as manifestações de regosijo, ou de pesar, graduando-as pela sensibilidade do governador.

Em março de 1812, por occasião de nascer um filho ao infante D. Pedro Carlos, successo *glorioso*, que lhe foi communicado em officio pelo governador, expedio editaes, para que a população o festejasse com luminarias, trez noites consecutivas.

Em abril de 1816, sendo-lhe egualmente communicado o decreto, que deo ao Brazil o titulo de reino; *em testemunho publico da reconhecida gratidão por tão alta mercê*, ordenou que em accão de graças se expuzesse o Santissimo Sacramento na matriz da villa no dia 12 de maio, e se offercesse a Deus o sacrificio de uma missa cantada, em que se pedisse a conservação do principe regente e sua familia, devendo officiar trez padres, haver sermão e *Te Deum*, presente a camara encorporada aos republicos. Os habitantes da villa tiverão que illuminar suas casas nos dias 11, 12 e 13.

Quando se lhe communicou a noticia da morte de D. Maria (15 junho 1816), o seo sentimento, agora de pesar, não foi menos vivo. Mandou que todo povo da villa e districto vestisse luto rigoroso por seis mezes, e alliviado por outros seis. Attendendo a que a pobreza, e os escravos não podião satisfazer rigorosamente este dever, permittio que os homens trouxessem nos chapéos e as mulheres na cabeça *qualquer retalho preto*. Os que se recusassem a este acto de piedade, e demonstração de magoa, terião 30 dias de cadeia, cada vez que fossem encontrados, sem o distinctivo!

Nas audiencias geraes dos corregedores, solemnidade, a que comparecia todo mundo official, vinha,



a camara em corporação ouvir os provimentos e advertencias do magistrado. Lavrava-se de tudo um termo, que era assignado por ella e pelos republicos, ou respublicos, como se encontra nos manuscritos do tempo.

Tem seo interesse o termo de uma dessas audiencias.

Damos o excerpto do que traz a data de 6 de fevereiro de 1808:

..... Primeiramente perguntou (o ouvidor) de quem era esta villa, e como se denominava.

Responderão que de Sua Altesa Real o Principe regente; Nosso Senhor, e que se denominava villa da Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção.

Perguntou, si esta camara tinha Ordenações com todos os seus livros.

Respondeo que sim.

Perguntou mais, si esta camara tinha cofre para seos rendimentos, e da mesma forma de orphãos, cada um com suas trez chaves.

Respondeo que sim.

Perguntou mais, si nesta villa havia alguma pessoa poderosa e revoltosa, assim secular, como ecclesiastico, que perturbe a quietação do povo e execuções da justiça.

Respondeo que não.

Perguntou mais, si nesta camara havia alguma postura ou posturas, que carecessem de reformar, ou accrescentar.

Respondeu que adiante requererião, si fosse necessario, etc.

## X

Vigarios. Conflictos. Moreira. Eleições. Ensino publico. Sevicias e premios.

A monotonia da vida colonial, sem embargo dos habitos de subordinação e respeito da população,

quebrava-se pelos conflitos, que se levantavam nas regiões officiaes.

Targine poz-se em divergencia com Bernardo Manoel, e lhe fez curtir muitos dissabores, combatendo, como chefe do serviço de fazenda, as despesas que elle ordenava, para que o naturalista Feijó explorasse as salitreiras do norte da provincia. O governador morreo por esse tempo. Era um velho beato, que massava as autoridades com tiradas infundadas em forma de cathecismo.

As escolhas de vigarios para a freguezia sempre produzião brigas, resistindo o occupante ao successor nomeado, tomando a camara partido por um, e finalmente intervindo o povo.

Em 27 de julho de 1795, a camara, em consequencia de requisição do povo, dirigia-se á autoridade ecclesiastica, pedindo que não consentisse em ser restituído ao curato o padre Felix Saraiva Leão, que tinha sido deposto, mas o fizesse retirar da capitania. Nomeado todavia, em agosto desse anno, a camara teve que oppor-se a isto, sem que podésse obstar a posse, que effectivamente teve lugar em novembro, occasionando desordens. A camara o communicou ao principe e ao governador, de quem parece não obteve satisfação.

Era candidato da camara o antigo parochó da freguezia Antonio José Alves de Carvalho.

Em 1798, procurando prover-se no curato o padre João Francisco Rodrigues da Costa, que para isto se dirigio á Lisbôa, a camara ainda declarou-se contra elle. O nomeado foi outro de nome Luiz José, quando ella pedia a conservação de Claudio Alves da Costa, então em exercicio.

Em 1800, outro vigario foi nomeado—o padre José Felix de Moraes. Vindo tomar posse, a camara lhe escreveo, pedindo da parte de S. A. Real, que



se retirasse, e não prejudicasse a paz e sossego, em que vivia o povo com seu parochol

A nomeação finalmente do padre Antonio José Moreira poz fim a estes conflictos. Este parochol foi membro do primeiro governo provisório, e deputado á constituinte.

Outra intriga, que dividio os animos, foi a de Antonio José Moreira Gomes com o juiz de fôra Cruz Ferreira, em consequencia da derrama, e contracto de açougue, intriga, em que se envolveo Sampaio, a quem Moreira affrontou com sua soberba e altivez.

Este portuguez, o mais rico e influente da terra, foi capitão-mór de ordenanças do termo.

Era sargento-mór em 1801, quando vagou o lugar por fallecimento de Antonio de Castro Viana. Apparecendo a disputal-o, em camara, onde se devia fazer a proposta, foi apresentado em segundo lugar, sendo em primeiro Gregorio Alves Pontes e em terceiro Ignacio Barroso.

O governador annullou a proposta, pelo facto de ter o povo tomado parte nella, e se procedeo a uma outra em 20 de novembro de 1802, sahindo em primeiro lugar Gregorio Alves Pontes, por ser da maior nobresa, christandade e desinteresse, manço, quiêto e pacifico, e além disso morador na villa; segundo Ignacio Barroso de Souza morador na villa, cheio de probidade e de honra; terceiro Jeronymo Fernandes Tabosa, homem quiêto e desinteressado, morador no termo.

Foi nomeado o primeiro; mas por sua morte, em 1810, Moreira voltou a disputar o lugar, como da maior importancia naquelles tempos. Apresentados, elle em primeiro lugar, Francisco Alves Pontes e Tabosa em segundo e terceiro, o governador Barba Alardo o escolheo.

Foi Sampaio quem o derribou, fazendo cassar-lhe

a patente, a pretexto de não ter apresentado confirmação em tempo e de se ter ausentado sem licença. Não lhe valeo ter enviado de Pernambuco sua carta de confirmação e uma licença, e ter ido ao Rio-de-janeiro solicitar reparação da injustiça de Sampaio.

Em 9 de maio de 1814, a camara, depois de muita hesitação, fez uma proposta que o governador exigio, sendo em primeiro lugar Antonio José da Silva Castro, valido do governador, que ambicionava o lugar; em segundo Lourenço da Costa Dourado, rico negociante, outr'ora do Aracaty, onde já tivera a mesma patente; em terceiro o sargento-mór José Agostinho Pinheiro.

Foi este Castro, instrumento do governador para quêda de Moreira, que, ganhando a estima d'elle, fêl-o proteger a sua familia, dando-lhe muitos empregos retribuidos, origem da sua fortuna politica, e começo de vida publica.

Os parentes e adherentes de Moreira, dessa epoca por diante, achárão-se em constante divergencia com esta familia, que tanta preponderancia veio a adquirir na provincia.

Moreira acabou ás mãos de um escravo, em viagem para uma de suas fazendas, no sertão de Canindé, em 1821.

A prata possuida pela Sé, foi presente d'elle. Era sogro do finado coronel José Antonio Machado, seo antigo guarda-livros, que se fez tão notavel, depois de 1824.

Vamos acrescentar á nosso quadro uns traços do estado do ensino publico da Fortaleza, em 1810.

Havia então trez cadeiras mantidas pelo Estado. Era professor de latim o padre João Rufo da Costa de Freitas, com 300\$000 réis de vencimentos. Tinha sido nomeado para o Aquiraz, em 1792, e foi removido para a Fortaleza em 1810, para succeder a João da Silva Tavares. Occupava a cadeira de pri-



meiras lettras do sexo masculino Joaquim Bernardo de Mendonça Ribeiro, com 80\$000 réis, nomeado pelo governador em setembro de 1808. Finalmente regia uma cadeira de meninas, creada por Barba Alardo; Maria Getrudes Ferreira.

Os primeiros mestres *regios* eram nomeados em Lisboa, pela Meza censoria, em nome do rei, que lhes assignava a provisão. De ordinario, a Meza expedia ordem ao ouvidor, para fazel-os examinar e prover por um anno, enviando para Lisboa o resultado do exame. Em vista deste, passava-se titulo por seis annos. Os vencimentos eram recebidos na junta de fazenda do Recife, pelo rendimento do subsidio litterario, ou de ordem desta, na provedoria da fasenda do Ceará, pelo mesmo rendimento. Havia o ensino de latim e o de *ler e contar*.

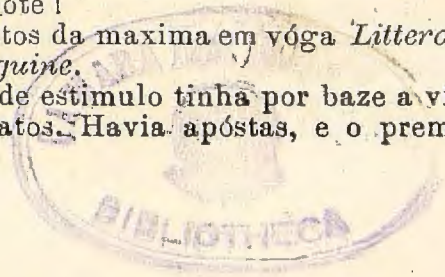
Algun tempo, esteve a cargo do bispo Aseredo Coitinho a inspectoria dos estudos, no bispado de Pernambuco, fazendo elle a nomeação de professores, e erão estes pagos pelo cofre do seminario de Olinda.

O ensino daquelles tempos se resentia da crueldade, que era peculiar aos homens de governo, e andava associada a toda idéa de mando. Os paes de familia corrigião seos filhos, seviciando-os a chicote; os mestres fazião outro tanto por delegação delles, e conseuso universal. A escola inspirava terror aos rapazes, e não era de balde. Alem do castigo uzual da palmatoria e outros, havia o que se chamava—tomar a cavallo.

As costas de um rapaz, posto de quatro pés, ligavão o paciente, e lhe flagellavão as nadégas com disciplina, ou chicote!

Erão os effeitos da maxima em voga *Litteræ non intrans sine sanguine*.

Toda sorte de estímulo tinha por baze a violencia e os máos tratos. Havia apóstas, e o premio do



vencedor era bater o vencido! Fazião-se presentes aos discipulos, que se distinguão em alguma cousa, e consistião estes em um perdão de certa quantidade de palmatoadas, que de futuro lhes viesse a caber.

Estes titulos erão ás vezes transferiveis. Finalmente os mestres estabelecião o antagonismo entre os rapazes, dividindo-os em *Troia* e *Grecia*, e os dois partidos batião-se, arguindo-se. Vencedor considerava-se aquelle, que mais *bolos* dava no seo rival, e nisto consistião as glorias do combate.

Era assim que os moços habituavão-se a causar dores e afflições a seos semelhantes, tornando-se duros e crueis. A escola fundava a cadeia, dispondo ao crime, que era tão uzual naquelles tempos de grandes, porem falsos pundonores.

Frequentavão a escola ordinariamente rapazes de mais de 12 annos, por isto que as creanças não resistirião a tão duro regimen.

E os mestres, entretanto, bem pouco sabião, salvo os de latim, materia, que se estudava com muito ardor, tendo-se em conta de erudito, quem vertia os classicos, bem que os não entendesse.

## XI.

Modas. Folgares. Novidades do tempo.

O luxo não tinha ainda transposto o oceano, aguardava o dia do superfluo. A esthetica do colono devia parecer-se com as circumstancias da terra, e nem podia haver gosto apurado, faltando os contrastos.

Apenas os altos funcçionarios e os negociantes, que fazião as tardias viagens de Pernambuco, ou, por via desta praça, podião receber alguns artigos de Lisboa, davão-se um tratamento mais esmerado.

Da metropole vinhão casacas de panno fino preto



e azul, que servião uma vida inteira, e nos primeiros tempos do Ceará, erão descriptas nos inventarios, passando aos herdeiros do primeiro adquirente.

Tinhão uma lapéla endurecida a ferro e a pòs-ponto, a góla levantada até meia cabeça, e mangas tão justas, que comprimião os braços. As casacas azues tinhão grandes botões dourados.

Uns calções abotoados junto aos joelhos dando entrada por um alcapão, meias de sêda, sapatos de entrada baixa com fivêlas de ouro ou prata, collete abotoado acima dos peitos, gravata de meio-lenço envolvendo o pescoço, chapéo alto, bengala de castão de ouro, e um *rabicho* completavão o toilette d'um pessoaagem do tempo nos dias de festa.

A classe immediata e a gente grada (no dia-rio) vestia *rudaque*, especie de casaca de ábas curtas, e *robissão* de *duraque* ou *lila*; os pobres fazião-no de *xila* e d'outras fazendas de menos valor.

Uzavão tambem a *jaqueta*, e o *timão*; em certas occasiões, o capote de *barragana*, fazenda de lã aspera e espêssa de quadros encarnados ou azues, ou de ambas as cores combinadas.

Trazião botas de cano alto, ou simplesmente sapatos de entrada baixa.

O chapéo uzual era de baiêta preta chamado—de Braga. Tinha as abas arqueadas, a copa alta, no fundo um diametro tamanho, que erão terri-veys as *encapellações*. Davão a este chapéo o nome de *bíbio*. Outros da mesma fazenda, com abas longas, erão do uzo da gente pobre.

Os meninos das familias abastadas vestião *sungas*, accumulacão de jaqueta e calções em uma só peça, que os pobres fazião de *xila*.

Xila era um algodão lizo fino, com quadros azues de padrões diversos, fazenda mui popular, e para toda sorte de roupas.

Os criadores de gado nos sertões, alguns em vi-

sita á villa, trazião ordinariamente o uniforme da profissão — gibão, perneiras, guarda-peito, luvas e chapéo, tudo fabricado de pelles bem curtidas, macias e tratadas com esmero, ás vezes com bordaduras, e pospontos, que produzião bom effeito, pelo gosto e arte.

Koster e Ferdinand Denis nos deixarão a estampa desses personagens, já hoje encontrados somente no alto sertão, como reliquias dos tempos coloniaes.

Viajando a cavallo, os homens montavão em selas chamadas *ginetes*, com duas saliencias atrás e adiante, de sorte que não era fácil arrancar della o cavalleiro. Algumas erão ricas e primorosamente trabalhadas em *velbutina* e marroquim, bordadas a retróz, acolchoadas, arreiadas de prata e com grandes estribos, trazendo *sobre-ancas* de couro de onça para os ricos, ou de gato montez para os pobres.

Todo este luxo era para os dias de missa e fêstas de egreja.

As senhoras ricas tambem fazião vir de Portugal suas roupas de gala e as meninas guardavão em tudo, salvas as proporções, os uzos das mães.

Assim erão já, no vestir, o que, fallando dos sentimentos, os criticos modernos chamão — mulheres pequeninas.

Vestião setim nobre, veludo, sarja, *tuquim*, *cá-baia*, e no ordinario *guingão* e chitas da *India*.

Era uma peça de valor o chamado *sitoé*, capa longa de *durquete* (fazenda de seda) com punhos e gola de veludo. Em um inventario antiquissimo encontrámos um *sitoé*, que foi dado em quinhão á herdeira da defunta antepossuidora.

Uzavão de um *lô*, preso a um pente enorme, que era um como estandarte, fincado sobre uma montanha de cabellos, formada no alto da cabeça, e mui estimada sob o nome de *côcô*. O *lô* servia de véo, cahindo sobre uma parte do rosto, e prolongando-se



pelas costas até os tornozelos. Substituíam-no, em certas idades, pelo lençol de *cacundé*, de *matâmes*, e de rendas, e os havia de preço elevadíssimo, obtidos no paiz.

Usavam também mantilhos de *gaze* ou *escumilha* de cores vivas, postos sobre os hombros.

Calçavam sapatos de *velbutina*, com fivela de ouro sobre meias abertas, presas por fitas, que se enlaçavam nas pernas; chinelas de marroquim, camurça, etc. O couro de polimento não existia.

Ao pescoço trasião cordões de ouro, collares, gargantilhas, e *requifites*, ou cordão de ouro cheio de emblemas e enfeites; pendentes das orelhas, grandes brincos, argolas, ou placas; nos dedos anneis de peso, chamados — *memorias*.

As mulheres da classe immediata vestião xila, *guingdos* (chitas de ziguezagues), chitas federaes, ou douradas. As mais pobres trazião simplesmente saia e cabeção, as da ultima camada vestião algodão, por ellas mesmo fiado e tecido. O fuso e o tear erão então por toda a parte.

Montando, as senhoras uzavam de saias de *ganga*, ou de fazendas de preço, compridas e abertas, para se poderem arrimar aos dois estribos. Uzavam de sellas com um grande bico recurvado, a que davão o nome de *selins*, e estavam em uzo também as *andilhas*, sella, que permettia á equitante estar voltada para um lado, com os dois pés sobre uma mesma travessa.

Enormes chapelinas completavam o costume.

Na Fortaleza, além das festas religiosas, havia os arrumamentos de tropas, os beija-mão, no dia de annos do principe; os jantares e reuniões do governador, os *bailles*, que consistião em representações intermeiadas de danças e cantos.

O povo tinha seos folgaes, rudes, como elle.

Alguns cahirão em desuzo: o *papangü*, procissão carnavalesca; o *pagé*, representação de scenas da vida.

selvagem, na qual fazia de protagonista uma serpente, que acabava ás mãos dos indios; o *batuque*, dança africana; o *fandango*, scenas do mar; as *touradas*; as *corridas* á argolinha; as danças de corda nas ruas e praças.

Os instrumentos uzados pelo povo (alguns hoje bêm ráros) erão a viola, a guitarra, a rabeca, o machinho, etc.

As fêstas de egreja e quasquer outras do matto não dispensávão o tiro de roqueira, ou de bacamarte, etc.

Os ciganos, que, formando bandos numerosos, vinhão *arranchar-se* junto ás villas e povoados, os ouvidores, missionarios e visitadores, fasendo sua entrada, com numerosas cavalgadas, erão successos. O povo se movia a ver estas cousas.

A predica dos missionarios deslocava as populações do sertão, que vinhão formar grandes abarracamentos, onde elles se achavão, para se entregarem aos exercicios religiosos mais extravagantes, resar, fazer pazes, penitencias, etc. Os frades aterravão-nos com ameaças de castigos tremendos, na outra vida, e lhes causavão uma impressão, que resistia a accção do tempo. Ficavão doidos os pobres de espirito, e os assassinos limpavão-se de suas culpas, confessando-as, e remittindo-as, com flagellações á disciplinas.

Assim era a vida, ha 70 annos, e temol-a esbôcado, ás vezes com minuciosidade, para aproveitar aos que comêção a escrever sobre costumes.

*Fortaleza, janeiro 1881.*